

# Sombras Severas: das lembranças traumáticas que (re) existem no romance *Amada*, de Toni Morrison

---

Glauco Cunha Caze<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo propõe - tendo como suporte o romance *Amada*, de Toni Morrison - uma reflexão sobre *memória traumática* e a força do testemunho sobre o sinistro, ora renunciado, ora (re)vivenciado, e suas implicações no trato com o passado/presente das personagens do romance em questão. Colaboram para as bases teóricas desta análise, escritos de Walter Benjamin (1994), Márcio Seligmann-Silva (2002; 2007), Primo Levi (1988), Maurice Halbwachs (1990) e Joel Candau (2011).

**Palavras-chaves:** Linguagem. Identidade. Memória. Trauma.

**Abstract:** This study proposes - taking to support the novel *Beloved*, Toni Morrison - a reflection on traumatic memory and the testimony of the strength of the sinister, sometimes resigned, sometimes (re) experienced, and their implications in dealing with the past / present the characters the novel in question. Collaborate to the theoretical basis of this analysis, the writings of Walter Benjamin (1994), Márcio Seligmann-Silva (2002; 2007), Primo Levi (1988), Maurice Halbwachs (1990) and Joel Candau (2011).

**Keywords:** Language. Identity. Memory. Trauma.

**Resumen:** Este estudio propone - tomar para apoyar la novela *Beloved*, Toni Morrison - una reflexión sobre la memoria traumática y el testimonio de la fuerza del siniestro, a veces resignado, a veces (re) experimentó, y sus implicaciones en el tratamiento del pasado / presente los caracteres la novela en cuestión. Colaborar con la base teórica de este análisis, los escritos de Walter Benjamin (1994), Márcio Seligmann-Silva (2002; 2007), Primo Levi (1988), Maurice Halbwachs (1990) y Joel Candau (2011).

**Palabras-clave:** Idioma. Identidad. Memoria. Trauma.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria da Literatura (UFPE).

## Memória da *contravontade*

*"...porque toda menção a sua vida passada machucava. Tudo nela era doloroso ou perdido. [...] ...a dor estava sempre presente – como o ponto sensível que uma mordida deixa no canto da boca"* (MORRISON, 2007, p.89)

O passado era rancoroso.

Para *Sethe*, protagonista<sup>2</sup> do romance *Amada*<sup>3</sup>, de Toni Morrison, presente e passado não se bifurcam em alívio; antes, afunilam-se em conflitos. O *decorrido*, pela natureza sombria de suas marcas, não encontra espaço para acomodação no *agora* vivido pela personagem. O “hoje está sempre aqui, disse Sethe. Amanhã, nunca” (MORRISON, 2007, p. 91).

Esta imbricada relação temporal (ontem, hoje, amanhã) particulariza a narrativa de Morrison fazendo flutuar, entre passado e presente, o que Walter Benjamin (1987, pp. 114 – 119) destaca como ideia de *ferida na memória*<sup>4</sup>: a convivência com o catastrófico de uma experiência traumática que, no romance, vai pontuar as personagens (sobretudo a personagem Sethe), fazendo-as porta-vozes de suas sombras severas.

O resgate de narrativas ditas impossíveis, mas absolutamente necessárias como condição de sobrevivência, apresentado por Seligmann-Silva (2007) em seu artigo *Narrar o Trauma*, parece não encontrar eco nas angustiadas e entrecortadas rememorações da

---

2 O protagonismo neste romance de Toni Morrison divide-se entre a personagem Sethe e a personagem Amada. Esta, a suposta filha morta que retorna para atormentar a vida daquela.

3 Romance publicado originalmente em setembro de 1987.

4 No ensaio *Experiência e Pobreza*.

protagonista deste elogiado romance, que tem nas lembranças traumáticas sua principal existência literária.

A questão dos testemunhos de catástrofes históricas trabalhada no texto de Seligmann-Silva (2007), propõe a narração de um trauma como desejo de renascimento por parte de o quem testemunha<sup>5</sup>. O escritor Italiano Primo Levi (1988) corrobora: “A necessidade de contar aos *outros*, de tornar os *outros* participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento” (LEVI, 1988, p. 07). Por esta perspectiva, é preciso falar para continuar a viver. Em *Amada*, todavia, as lembranças individuais que partem da personagem Sethe, e que se prestariam a princípio ao soerguimento de sua própria existência a ao desdobramento de outras tantas lembranças que contribuíssem para a formação de uma memória coletiva, são intencionalmente preteridas quando na clara opção, por parte da personagem, pelo distanciamento do passado. “Para Sethe, o futuro era uma questão de manter o passado à distância.” (MORRISON, 2007, p. 69) E se não há passado, não há discurso, testemunho, experiência narrativa transformadora. Há, tão somente, o isolamento a que é submetida a personagem no *não-lugar* do 124.<sup>6</sup>

Ainda mais importante que perceber na personagem central do romance a *contravontade* em narrar recordações intranquilas do outrora, é entender que as ideias apresentadas no texto de Seligmann-

---

5 Há, igualmente, um desejo de perpetuar as histórias de um povo, ampliadas pela memória coletiva. “A memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho da memória individual e outro construído pela sociedade” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p.67).

6 A casa onde moram as personagens Sethe e sua filha Denver. Não-Lugar como resultado de um esvaziamento das referências pessoais ou coletivas. Uma vez que “a memória se concentra em lugares, [...] quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo” (Pierre Nora apud CANDAU, 2011, pp.156-157), mencionar a casa tão somente por um número (embora o 124 ganhe, aos poucos, importância maior no decorrer da narrativa) é esvaziá-la de passado, é torna-la um não-lugar na história das personagens, ainda que não exista espaço não habitado.

Silva (2007) – respaldadas, como visto, pelo testemunho de pensadores como o Primo Levi (1988), partícipe direto de algum funesto acontecimento - dizem respeito a impossibilidade de narração (narrar o inenarrável) de vítimas *diretas* do experimento traumático. Estas vítimas são expostas a uma violência em nada fortuita e emudecidas na passividade de suas, muitas vezes, privadas e/ou primitivas condições morais. Para um recorte específico a este estudo, nota-se que essa passividade, entretanto, não é característica da personagem Sethe, no romance de Morrison. A protagonista, em verdade, não recebe; comete a violência. Inviabiliza-se a este modelo de vítima emudecida pelo trauma, de que trata Silva; e na vivência de seu profundo sofrimento, passa a ser a própria representação da violência.

Baseado num acontecimento real, o romance conta a história de uma negra fugidia que mata uma de suas filhas ainda criança. Vítima, por certo, do processo desumano da escravidão, Sethe convive com as marcas da violência da qual foi intensamente submetida. “Tem uma árvore nas minhas costas. [...] ...era, na verdade, um emaranhado de cicatrizes, não uma árvore, como ela disse” (MORRISON, 2007, pp. 33 e 40). Na companhia da filha Denver, e atormentada pelo fantasma da natimorta, Sethe sofre, na maior parte do romance, pelo sentimento de culpa associado ao infanticídio. O passado rancoroso se apresenta imperiosamente trágico e contínuo. Segundo Ângela Coutinho<sup>7</sup> (2003, p.64), “se um evento produziu desprazer e, ao ser redespertado, produz um novo desprazer, pode-se afirmar que a lembrança se comporta

---

<sup>7</sup> Ângela Coutinho é doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). É psicanalista, membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID). É docente da Universidade de Santa Ursula, onde atua no Centro de Ensino Pesquisa e Clínica em Psicanálise (Cepco) do Instituto de Psicologia e Psicanálise, e no Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia.

como se tratasse de evento atual.” E esta marca fúnebre advinda de um pretérito imperfeito se intensifica com a chegada da indefinível personagem Amada (estímulo, ponto de partida para as lembranças malfadadas de Sethe)<sup>8</sup>, que torna, com sua presença, passado e presente um conjunto unívoco de sensações perturbadoras. “Tudo o que está morto, dói para viver de novo” (MORRISON, 2007, p. 59); e Sethe, à sua revelia, sente-se incomodada por sentimentos profundamente dolorosos ao ter que reviver a obscuridade implacável de seu passado.

A noção de memória amnésica nos faz pensar no que Seligmann-Silva (2007), em comunicação oral, tratou como “*memória de um passado que não passa*”, conduzindo-nos à ideia de que as marcas deixadas por um evento traumático vêm instalar um *presente contínuo*. Portanto, estas não se inscrevem como passado, porque não podem ser esquecidas - em função de seu retorno sob a forma de *repetição dolorosa*. É em razão desta peculiaridade da *memória traumática* que o autor sustentará, nessa mesma conferência, que “na situação testemunhal o *tempo passado é tempo presente*” (CARDOSO, 2007, p. 04, grifos nossos).

Tem-se, desta feita, no romance em estudo, a memória de um passado que não passa e que contribui para que as lembranças traumáticas, desprezando limites tempo/espaciais, convoquem as personagens a viver uma repetição espinhosa de sofrimentos requeentados num presente contínuo.

A opção de Sethe, por manter o passado distante, talvez remeta à dualidade *memorizável x memorável* apresentada pelo Professor Joel Candau em seu livro *Memória e Identidade*. “Se existe sempre a alternativa entre memória e esquecimento, é sem dúvida porque nem tudo o que é memorizável é memorável e, sobretudo, porque nem tudo

---

<sup>8</sup> “De todos os negros, Amada era diferente” (MORRISON, 2007, p. 99).

pode sê-lo” (CANDAU, 2011, p. 94)<sup>9</sup>. Para a personagem de Morrison, as lembranças que ativam a memória e a fazem reviver a sombria e severa ação de ter matado sua filha, devem ser a todo custo evitadas para que não sejam, inadvertidamente, postas na conta do memorável. Entretanto, como que numa sentença sem mais espaço para apelação, o mesmo Candau (2011), mais adiante e no mesmo estudo, defende que “a memória das tragédias pertence aos acontecimentos que contribuem para definir o campo do memorável” (CANDAU, 2011, p. 151), não deixando, assim, outra alternativa à personagem que não a vivência amargurada e ininterrupta de sua ação trágica, inevitavelmente memorável porque advinda de um processo de tragicidade.

Outra questão a ser considerada é que a negação total do passado, conduziria a personagem a uma “crise de presentismo” que, ainda consoante Candau (2011), pode representar o desaparecimento de referências e a diluição da identidade. “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o presente” (CANDAU, 2011, p. 59). A relação bilateral entre memória e identidade no romance da norte americana, parece, então, construída de uma pequena fissura extraliterária se confrontada a postura da personagem Sethe com os princípios ideológicos da engajada escritora que tem como temas recorrentes em seus escritos, a resistência cultural e política das comunidades negras entre os séculos XIX e XX, e o fortalecimento destas identidades. Uma obra que se presta a retratar a cruel condição da mulher negra logo após a guerra civil norte-americana, tropeça no perfil de uma personagem que, por evitar lembranças do passado e, por conseguinte, a efetiva vivência memorialística, acaba fragilizando o discurso

---

9 A memória em si é um deslocamento do interno para o externo, do externo para o interno; num processo contínuo de negociação entre os atos de rememoração e de esquecimento.

identitário tão caro à proposta primeira da escritora. É evidente que se trata de uma observação diminuta, extrapolada, de um recorte pontual<sup>10</sup>. A própria personagem Sethe, ao longo do romance, construirá uma postura coletiva de referências culturais. A hipótese levantada propõe apenas uma reflexão acerca do comportamento inicial da protagonista, no sentido de justapor as relações entre memória e identidade. É a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade. Memória e identidade, portanto, se agregam. É a memória, pode-se afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo. “A memória é a identidade em ação. Mas ela pode arruinar o sentimento de identidade considerando lembranças de traumas e tragédias” (CANDAU, 2011, p. 18). O acontecimento trágico, portanto, é o responsável pela aparente opacidade de uma identidade que inicialmente não se visualiza pela ojeriza as lembranças do passado, e que só não compromete de todo o provável discurso ideológico da escritora, por conta dos posicionamentos subsequentes e dos diálogos e monólogos construídos pelas demais personagens que se posicionam, não contra, mas a favor destas lembranças, como se verá nos destaques adiante.

### **Memória da vontade**

“Tudo é agora, é sempre agora. Não vai existir nunca um tempo em que eu não esteja agachada e olhando para outros agachados também. Estou sempre agachada...” (MORRISON, 2007, p. 282)

---

10 A questão pontual: a rejeição ao passado, por parte da personagem, não representa – é preciso que se registre – uma negação às raízes étnico-culturais. Fica claro que a rejeição é à lembrança do crime que remete a um sofrimento contínuo no presente. A reflexão posta é sobre um leve distanciamento entre o apagamento do passado, que compromete a consolidação da identidade; e a postura ideológica da escritora.

O Passado era desejoso.

O passado pode ser visto como sentinela, guardião de um tempo que não se quer esquecido. Walter Benjamin, no ensaio *A Imagem de Proust*, defende que “o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” (BENJAMIN, 1994, p. 37). Nesta perspectiva, e em outra forma de se olhar a história apresentada por Toni Morrison, personagens como Paul D, Baby Suggs, Denver e a própria Amada, colaboram para a configuração de uma memória coletiva, ao registrar em seus textos, momentos de aflição comum, de privações diversas, e sobretudo, de resistência da comunidade negra escravizada<sup>11</sup>. “O sofrimento comum une mais do que a alegria” (CANDAU, 2011, p. 151). São muitos os momentos do romance em que esses infortúnios são retratados, como num círculo dentro de um círculo, onde a oralidade se torna (entre as personagens) uma das marcas do romance. Há, em toda a obra, a presença de diferentes vozes que compõem fragmentos de memória, histórias vividas e recontadas algum tempo depois. Registros da submissão vivenciada como em: “escravo não tem de ter prazer próprio; o corpo deles não é para ser assim, mas eles têm de ter quantos filhos puderem para agradar quem for o dono deles” (MORRISON, 2007, p. 280), que denunciam as circunstâncias de opressão, violência corporal e psicológica que ladeavam os negros subjugados daquele momento.

É perceptível, principalmente na voz das personagens acima mencionadas, uma necessidade de comunicação afetiva pós experiências traumáticas, de reforço dos laços parentais e de

---

11 Perspectiva que difere do perfil inicialmente visualizado na personagem Sethe, em que há um fluxo de lembranças recalçadas, como numa luta pelo esquecimento das experiências trágicas.

perpetuação das histórias interligadas pela dor. “Não tem uma casa no país que não esteja recheada até o teto com a tristeza de algum negro morto” (MORRISON, 2007, p. 20). O passado, por este ponto de vista, é apresentado como uma memória da vontade, da necessidade de eternizar as histórias vividas por cada negro e negra acorrentados, violentados em todos os aspectos de sua existência.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstituída sobre um fundamento comum (HALBWACHS, 2011, p. 38).

As reflexões teóricas sobre memória coletiva, de Maurice Halbwachs (1877-1945) em muito se associam ao comportamento prático das personagens do romance *Amada*, de Morrison. Em seus monólogos sobre a dor de outrora, estes personagens vibram numa sintonia de classe, de grupo, num desejo que não é panfletário, antes, instintivamente necessário à história de cada compatriota escravizado; como num eco de afinidades *ad infinitum*, de que trata Halbwachs<sup>12</sup>. “Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssimo, e não sabemos mais onde está o ponto de partida, das vibrações, em nós ou nos outros” (HALBWACHS 2011, p. 51).

Toda esta emanção, que parte de memórias individuais e fortalece as raízes da coletividade, tem como gatilho, a própria tragédia da escravidão, uma vez que, segundo Joel Candau (2011, p. 156), “a tragédia reforça o desejo de pertencimento àquele grupo social”. Ainda consoante Candau (2011, p. 151),

---

12 “Nós não percebemos que não somos senão um eco” (HALBWACHS, 2011, p. 51).

a identidade historicizada se constrói em boa parte se apoiando sobre a memória das tragédias coletivas. [...] É o sangue que faz sentido evocando o sensível. A defesa da identidade e o sentimento de pertencimento exigem que esse peso do trágico seja sentido e transmitido.

Nas ações destas personagens, a vontade de futuro parte do presente, faz um retorno em direção ao passado e se consolida, como se vê no discurso dos descendentes de vítimas de tragédias (numa configuração pós-mnemônica onde muitas associações foram fundadas em torno da memória de tragédias que seus membros efetivamente não vivenciaram) que não deixam esquecer a história de seus antepassados.

O tema do *amor* reforça a tese do necessário agrupamento da comunidade negra e perpassa todo o texto na tentativa de preservar as relações que foram estranguladas, distanciadas pela força de uma *gente branca*. O *amor* apresenta-se em associações das mais diversas. Numa referência à morte, quando Sethe pensando na proposta de Paul D (sobre engravidá-la) menciona, “se não fosse despreocupado, o amor materno matava” (MORRISON, 2007, p. 182); até no triste entendimento sobre a necessidade de minorar o ato de amar, quando na condição de escravizado. “Se alguém me perguntasse, o que eu diria era, não ame nada” (MORRISON, 2007, p. 131).

Arriscado, pensou Paul D, muito arriscado. Para uma mulher que era escrava, amar alguma coisa tanto assim era perigoso, principalmente se era a própria filha que ela havia resolvido amar. A melhor coisa, ele sabia, era amar só um pouquinho; tudo, só um pouquinho, de forma que quando se rompesse, ou fosse jogado no saco, bem, talvez sobrasse um pouquinho para a próxima vez (MORRISON, 2007, p.72).

A solução é dada pelo próprio Paul D., “então você se protegia e amava pequeno” (MORRISON, 2007, p. 220). E nesse, como em outros momentos, as imagens descortinam impotências e fragilidades

vivenciadas por uma geração de negros e negras, “cuja comida era cheia de lágrimas” (MORRISON, 2007, p. 137), ávidos por liberdade. A própria ideia de liberdade não se aparta da ideia de amor. “Chegar a um lugar onde você podia amar qualquer coisa que quisesse – sem precisar de permissão para desejar – bom, ora, isso era liberdade” (MORRISON, 2007, p. 221). A representação mais forte do amor, porém, é vista na relação mãe/filha, filha/mãe (Sethe/Amada), onde os débitos do passado são tensionados a todo momento.

A resistência cultural ou a afirmação de identidades são reveladas nas máximas voltadas para a força da negritude. São feitas, ao longo do romance, referências ao místico, ao exótico, a determinadas questões religiosas, como a atuação de Baby Suggs na clareira sagrada onde a personagem entrava em contato com os antepassados. Ou mesmo em passagens como, “Seiso ia para o meio das árvores durante a noite. Para dançar, ele dizia, para manter abertas suas linhas de sangue, dizia” (MORRISON, 2007, p. 45).

Todas estas manifestações fortemente marcadas no romance, advém de lembranças que fortalecem memórias da vontade, do desejo de perpetuação, de fortalecimento – a despeito de todas as adversidades – das identidades.

Em *Amada*, a romancista norte-americana propõe uma infinidade de metáforas que reclamam esta memória da vontade, do enfrentamento à ideia de mutilação da história dos negros em fins da escravidão. São pensamentos que, embora negritem, como haveria de ser pelo tema trabalhado, a força imperiosa do homem branco, como em “...porque naquele lugar a neblina, os pombos, a luz do sol, a terra cor de cobre, a lua – tudo pertencia aos homens que tinham armas” (MORRISON, 2007, p. 220); também reforçam o esforço do negro

liberto ou fugidio em seu desejo por vida e pela perpetuação de suas raízes.

“Foi quando concluiu que comer, andar e dormir em qualquer lugar era a vida no melhor que tinha a oferecer” (MORRISON, 2007, p.356).

“O Espírito é a memória mesma!”  
(Santo Agostinho)

## Referências

- BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, H. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 3ªed. São Paulo: Martins Fonte, 2006.
- CANDAU, J. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDOSO, M. R. *O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias*. São Paulo: Escuta. Recebido em 29 de dezembro de 2007 Aceito para publicação em 14 de maio de 2008.
- COUTINHO, A. *Estudos da Língua(gem)*. A especificidade da memória em psicanálise *Vitória da Conquista* v. 11, n. 1 p. 59-74 junho de 2013 Artigo Recebido em abril de 2013. Aprovado em maio de 2013.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. Editora revista dos tribunais Ltda., São Paulo, 1990.
- LEVI, P. *É isto um homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MORRISON, T. *Amada*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, M. *A história como trauma*. Em Nestrovsky, A. & Seligmann-Silva, M. (orgs.). *Catástrofe e representação* (p. 73-98). São Paulo: 2002
- \_\_\_\_\_. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Comunicação apresentada no Encontro Nacional Trauma e Memória, Rio de Janeiro/PUC-Rio, Junho de 2007.

Recebido em 14/07/ 2015. Aprovado em 04/08/2015.